

CRITICIDADE E LEITURA: COMO LEEM ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II ?

Jandilene Ramos

PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA
Jandileneramos04@hotmail.com

RESUMO

Essa pesquisa consistiu em analisar as inferências textuais produzidas por alunos de diferentes classes sociais sobre a leitura de um texto. Para tanto, realizamos a nossa coleta de dados no 9º ano do Ensino Fundamental, em duas escolas públicas na cidade de Juazeirinho – Pb, sendo uma municipal e outra estadual. Supomos que os alunos dessa série consigam interpretar um texto, criticamente, com base no conhecimento de mundo que possuem e em suas experiências individuais. Tivemos como objetivo principal, que impulsionou nosso trabalho, descobrir se os alunos, de contextos sociais e vivências bem peculiares, inferiam de modos distintos ao lerem o mesmo texto. Outro objetivo era proporcionar uma vivência com texto de maneira bastante significativa no que se refere à produção de inferências. Essa pesquisa justifica-se pela carência nas escolas de uma prática de ensino de leitura que desenvolva no aluno a habilidade para elaborar inferências, de modo a proporcionar a criticidade sobre o objeto lido. Para a realização do nosso trabalho seguimos o método, “pausa protocolada previamente marcada no texto”, proposto por de Dell’sola (2001), e nos fundamentamos em teóricos como Geraldi (1999); Kleiman (1997,2000) e outros que defendem o ato de ler como processo de significação e compreensão de um texto. Verificamos que os alunos de ambas as escolas realizaram leituras diferentes e que o contexto sociocultural deles influenciou de maneira significativa na produção de inferências textuais. Constatamos que a leitura foi condicionada de acordo com o contexto de cada aluno. O que foi fundamental para que a criticidade acontecesse de maneira bem distinta, já que os alunos viviam em ambientes completamente diversos. Isso favoreceu à riqueza e à pluralidade de significados para as questões elaboradas previamente.

Palavras-chave: leitura, inferências, criticidade.

Introdução

Partindo-se da hipótese de que o contexto sociocultural do indivíduo influencia de maneira significativa na formação de variadas inferências textuais, este trabalho investigou a compreensão e

a criticidade com base nas inferências produzidas por alunos de diferentes classes sociais após a leitura de um texto. Partimos do seguinte questionamento: de que maneira indivíduos de contextos sociais diferentes fazem inferências ao lerem o mesmo texto? Consideramos que cada indivíduo tem uma visão de mundo distinta, dependendo da classe social a que ele pertence, e isso possibilita uma variedade de interpretações condicionadas pelas diferenças sociais.

Essa pesquisa justifica-se pela ausência de uma prática de leitura nas escolas que vise a elaboração de inferências a partir de uma compreensão crítica do aluno no ensino fundamental. Foi escolhida a 9º ano, por ser um ponto de transição entre o ensino fundamental e o ensino médio. Supõe-se que os alunos dessa série consigam interpretar um texto criticamente, com base no conhecimento de mundo que possuem e em suas experiências individuais.

A leitura no contexto social

O uso da leitura é, muitas vezes, limitado a uma minoria da população que possui bens e acesso direto aos meios de informação de uma sociedade capitalista e desenvolvida naquilo que lhe confere. A esta minoria são fornecidos os direitos de dominação e manipulação sobre a maioria marginalizada.

O direito de informação é vetado à classe popular, devido às condições socioeconômicas impostas pela classe dominante, restando-lhes apenas a alienação, pois é de fundamental interesse dos dominantes que os dominados não tenham acesso às informações sobre o que lhes convém. Também não é de interesse que a população seja formada por leitores, para que não obtenha uma visão crítica do mundo que está em volta e que não seja consciente dos seus direitos e deveres. Por isso, muitas vezes, é privado o acesso às informações que são fornecidas através da leitura.

Na nossa sociedade o domínio da leitura é um instrumento de poder e dominação. As classes dominantes fazem uso dela para manipular os menos favorecidos privando-os de um conhecimento amplo e da consciência de seu papel social.

Na opinião de Soares (1995), as classes populares leem para atender às exigências impostas pelos dominantes, isto pode ser observado nas escolas, onde os alunos são obrigados a “decifrar” a norma culta que é um privilégio da classe dominante, obtendo uma outra visão de mundo que não é própria de sua convivência no meio em que vivem, pois o ato de ler para ser concretizado deve ser um reflexo de suas próprias experiências.

A leitura é para a classe dominante uma forma de construção do poder. Esse poder, de acordo com Leal (1999), foi construído desde os tempos mais remotos. A leitura é realizada quando o leitor busca suas experiências de vida para dar sentido a um determinado texto, acionando seus conhecimentos prévios que são transportados para partilhar com o texto. Dell'isola (op. cit), afirma que “quando o leitor busca um dos sentidos para o texto associa o que está compreendendo à bagagem sociocultural que traz consigo naquele momento da leitura”.

Cada grupo social compartilha dos acontecimentos que tem acesso durante a convivência social na comunidade em que vive. Ao ler um determinado texto, o leitor de uma classe social transporta os conhecimentos que já possui e compartilha com os indivíduos que compõe a sua classe social. (Dell'isola, op. cit.)

A leitura deve ser um instrumento libertador por excelência, possível de ser usufruído por todos e não só pelas classes dominantes (Martins, 1996). O ato de ler, realizado com consciência, torna o cidadão livre para agir e criar conforme as suas necessidades.

Inferências: o ponto de vista do aluno

O processo inferencial ocorre quando um leitor ao ler determinado texto, busca nas suas experiências e no seu conhecimento de mundo informações para completar o sentido daquilo que leu. Para que este processo se realize com êxito e seja concreto, é necessário que o leitor resgate seu conhecimento armazenado para compartilhar com as informações fornecidas pelo objeto lido e faça as inferências para atingir a compreensão. Como afirma Kleiman (2000: 25),

(...) a ativação do conhecimento prévio é, então, essencial à compreensão, pois é o conhecimento que o leitor tem sobre o assunto que lhe permite fazer inferências para relacionar diferentes partes discretas do texto num todo coerente. Esse tipo de inferência que se dá como decorrência do conhecimento de mundo que é motivado pelos itens lexicais no texto é um processo inconsciente de leitor proficiente.

A autora salienta que após a realização da leitura ou tempos depois, o que lembramos são as inferências que fizemos durante o ato de ler.

De acordo com Dell'isola (op. cit.), o ato de ler é composto de mecanismos como: decodificação, inferenciação, avaliação e por último, a retenção na memória. Esses mecanismos são fundamentais na formação de um leitor proficiente e na construção de uma leitura eficaz. Sendo assim, o leitor transporta para o texto seu universo particular que irá influenciar de maneira significativa na construção do sentido, uma vez que, extrai inferências ocasionadas por aspectos situacionais, culturais, sociais e psicológicos.

Sobre inferência, Dell`isola (op. cit. : 44) ressalta que é

(...) uma operação mental em que o leitor constrói novas proposições a partir de outras já dadas. Não ocorre apenas quando o leitor estabelece elos lexicais, organiza redes conceituais no interior do texto, mas também quando o leitor busca, extra-texto, informações e conhecimentos adquiridos pela experiência de vida com os quais preenche os ‘vazios’ textuais.

É importante registrar que as inferências não se encontram no texto, mas sim, na mente dos leitores. O texto apenas retém informações que estão contidas na memória do leitor e que são acionadas no momento da leitura para a formação do sentido.

As inferências são informações implícitas que irão se relacionar com as explícitas quando são acionadas no ato de ler. Essa relação ocorre devido às lacunas existentes na leitura, que são preenchidas pelas inferências. Compartilhamos neste trabalho do ponto de vista apresentado por Dell`isola (op.cit.), ao postular que o grau de complexidade de uma inferência varia de acordo com o contexto sociocultural do leitor.

O método

Para a realização dessa pesquisa, foi usado o teste “pausa protocolada”, previamente marcada no texto. Metodologicamente o texto foi dividido em partes, seguidas de perguntas para que os leitores pudessem inferir os acontecimentos sequenciais do texto. A produção das inferências foi verificada com base na compreensão das informações fornecidas pelo texto. Os sujeitos envolvidos na pesquisa foram alunos de duas escolas públicas, oriundos de contextos socioculturais diferentes.

Para que nossa pesquisa tivesse êxito, foi necessário adotarmos um procedimento que facilitasse o processo inferencial dos alunos. Foi adotado um teste que, segundo Dell`isola (2001), é o mais adequado para que os leitores façam inferências de acordo com o meio social onde vivem: o teste da “pausa protocolada previamente marcada no texto”. O texto “*Debaixo da ponte*”, de Carlos Drummond de Andrade, foi dividido em nove pausas e após a leitura dessas pausas, os alunos responderam, por escrito ou oralmente, as perguntas feitas. A temática do texto escolhido estava voltada para a desigualdade social, retratando a realidade, pois é um tema polêmico e de conhecimento geral. O assunto tratado mostra a situação em que vivem algumas pessoas numa sociedade injusta. O leitor ao inferir e avaliar tende a colocar suas experiências pessoais, enriquecendo a compreensão com seu conhecimento de mundo. No texto, Drummond mostra a

situação de uma família que reside embaixo de uma ponte, sofrendo com a miséria. As perguntas elaboradas sobre o texto foram objetivas, inferenciais e avaliativas.

As escolas

A pesquisa foi realizada em duas escolas da cidade de Juazeirinho, PB. A primeira, colégio Municipal Severino Marinheiro (escola A), é uma instituição pública municipal que atende alunos de uma camada social mais favorecida. A segunda, Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Marechal Almeida Barreto (escola B), é uma instituição pública estadual que atende aos alunos provenientes de uma classe social menos favorecida, financeira e culturalmente.

Os alunos

Os sujeitos que participaram da pesquisa são representantes de classes sociais distintas. Foram estabelecidos alguns critérios para identificação dessas duas classes sociais envolvidas: o fator econômico, as atividades que os alunos realizam fora do espaço escolar e a moradia que habitam. Isto foi verificado com a aplicação de um questionário de sondagem usado como instrumento para coleta de informações.

Verificou-se que os alunos da escola A dispõem de um poder aquisitivo considerado elevado na comunidade em que vivem, residem em boas moradias e são filhos de funcionários públicos municipais e/ou estaduais, professores, comerciantes, enfermeiras, pedagogos, telefonistas etc.

Os alunos da escola B possuem baixo poder aquisitivo, residem em bairros periféricos e/ou na zona rural, são provenientes das camadas populares menos favorecidas. São filhos de pedreiros, empregadas domésticas, faxineiras, lavadeiras, serventes, eletricitas, agricultores, feirantes, vigilantes, mecânicos, merendeiras, pescadores etc.

As inferências e o contexto sociocultural dos alunos

Como já era previsto, o texto *Debaixo da ponte*, de Carlos Drummond de Andrade, causou uma certa inquietação nos alunos e proporcionou uma reflexão influenciada pela classe social a que pertenciam os leitores. Ao interpretá-lo, os alunos colocaram suas experiências pessoais determinadas pelo contexto sociocultural em que estavam inseridos.

De acordo com as perguntas objetivas que se referiam às informações explícitas no texto, constatou-se que as respostas foram iguais entre todos os alunos, independente do contexto social de cada um. Nas respostas inferenciais, verificou-se que os alunos transportaram para as respostas suas crenças, ideologias, experiências e conhecimentos adquiridos ao longo da vida, baseados nos contextos socioculturais em que estão inseridos. Nas respostas avaliativas, os alunos demonstraram uma reação de julgamento e avaliação, confrontando suas opiniões com o ponto de vista exposto no texto.

Neste trabalho foram analisadas as respostas inferenciais obtidas a partir das inferências do aluno, baseadas no seu conhecimento prévio e relacionadas com o contexto sociocultural em que ele está inserido. Embora a pesquisa tenha sido feita com o propósito de analisarmos também as respostas objetivas e avaliativas, não houve condições de assim fazer, devido a amplitude do material coletado, mas será um objeto de análise para futuros trabalhos.

Perguntas e respostas inferenciais: recortes

Diante da pergunta inferencial *O que o título vai falar? Invente uma possível história para esse título*, houve uma diferença bastante significativa na produção das inferências. Os alunos das duas escolas apresentaram uma história para essa questão com base nos conhecimentos vivenciados em cada classe social. Os informantes da escola A não fizeram nenhuma referência nos seus textos a nada que se relacione com a moradia de pessoas debaixo da ponte. Produziram histórias baseadas na fantasia e na imaginação, tentando mostrar o lado “bonito” da ponte. Como pode ser visto no texto a seguir: Ex.1A, informante 1 A

“Um dia estava caminhando e vi vários homens construindo uma ponte para diversas coisas, a passagem de carro, de pessoas etc. Depois fui passear e atravessei a ponte, senti uma sensação boa, mas debaixo da ponte não era a mesma coisa que de cima, tinha esgoto e o cheiro era insuportável.”

A abordagem feita pelos informantes da escola B já foi diferente, mais construída na realidade, no sofrimento, na tristeza e na fome. Eles inferiram que as pessoas residentes embaixo da ponte vivem como animais, em condições sub-humanas. Ex. B, informante 1B

“Eu acho que o texto vai falar de alguém que mora debaixo da ponte. Em uma cidade havia um menino que não tinha casa e não tinha família, era órfão. Ele tinha que morar debaixo da ponte e dormia sobre jornais, ele pedia na rua durante o dia e à noite voltava para seu lar que era a ponte, era um menino bom e sonhava em ter uma casa e uma família, pedia muito a Deus. Um dia Deus escutou o seu pedido, quando ele foi a rua pedir esmola conheceu um moço muito bom que escutou a sua história, ficou comovido e levou esta criança para sua casa, cuidou dele e fez ele feliz”.

Podemos considerar o autor dessa história como um sonhador que deseja um futuro de mudanças sociais, repleto de felicidades, sem sofrimentos e angústias.

Os informantes da escola A e B trouxeram um pouco da realidade que conhecem para as histórias que produziram. Isso confirma a afirmação de Dell`isola (2001: 180) sobre a produção escrita dos informantes:

“(...) os textos contêm o que faz parte da vida, refletem o que é humano, porém ninguém compartilha de todos os conhecimentos humanos existentes no mundo através dos tempos. Cada grupo social compartilha de uma parcela de conhecimentos a que tem acesso. Ao ler um texto, o indivíduo de um determinado grupo social evoca aquela ‘porção’ de conhecimentos que possui o que compartilha com os demais membros de seu grupo”.

De acordo com Fulgêncio e Liberato (1998, apud Dell`isola 2001), ao lermos determinado texto, não estamos vendo apenas o código escrito, o que está expresso explicitamente, mas também uma imensidade de informações implícitas, não visíveis no texto, mas que são bastante úteis para a formação do sentido. O aluno ao ler um texto projeta-se criando as inferências, relacionando as informações visuais expressas no texto, com fatos conhecidos, de modo a expandir-se, ampliando a sua visão sobre o mundo que o cerca (Smith, 1991 apud Dell`isola 2001).

Os informantes criaram expectativas relacionadas com a visão de cada um, fazendo uso do conhecimento internalizado adquirido no meio social em que residem e na convivência com pessoas.

Em outra pausa do teste, ao ser *perguntado Como você imagina que seja a moradia debaixo da ponte?*, um informante da escola A inferiu que seria sem nenhum conforto, faltando o básico para sobreviver e que não dá para conviver no mesmo ambiente que animais causadores de doenças e que esse tipo de moradia embaixo da ponte seria “um dos piores do mundo”. Ex. 1A, informante 1

“Acho que deve ser um dos piores lugares pra se viver, pois é onde passam ratos, bichos que trazem doenças para o ser humano.”

Na resposta a esta mesma pergunta, dada por um informante da escola B, observou-se que as inferências giram em torno de uma realidade social concreta e cruel, como se ele conhecesse bem essa realidade. Ex. 1B, informante 1B

“Tenho certeza de que é horrível, mas quem não tem outra opção, deve chegar aos seus limites, pois enquanto há vida há esperança.”

Percebe-se que esse informante conhece a realidade, talvez por conviver perto dela, vivendo em condições precárias por ter uma vida difícil, enfrentando dificuldades e sofrimentos. De acordo com suas palavras “quem não tem outra opção deve chegar aos seus limites”, isto é, buscando, lutando para sobreviver, sem ter que roubar para tal, “pois enquanto há vida há esperança”, ou seja, há possibilidades para persistir e viver com dignidade e honestidade.

É evidente a diferença das respostas entre os informantes das duas escolas investigadas. Os informantes da escola A fazem suposições, enquanto os informantes da escola B fazem afirmações. Nota-se que há uma distinção quanto a posição social dos dois grupos, pois criaram respostas de acordo com a realidade vivenciada diariamente.

Na pergunta *por que a ponte é de todos na parte de cima e de ninguém na parte de baixo?*, os informantes da escola A demonstraram não se preocupar, nem conhecer a realidade, chegando até mesmo a ignorá-la. Isto está evidente no texto: Ex. 1A, informante 1A

“Por que por cima da ponte todos passam e abaixo ninguém mora lá. Só os mendigos em alguns casos. A ponte é como uma linha divisória que divide os que têm dignidade na sociedade e os que não tem nenhum valor são parecidos lixo.”

Não há preocupação com a situação na qual se encontram várias pessoas carentes que vivem debaixo da ponte. Com a expressão usada “ninguém mora lá. Só os mendigos”, o informante demonstra o pouco valor dado a população desfavorecida e marginalizada por uma sociedade que só valoriza os mais favorecidos, pois estas pessoas não fazem parte do seu convívio social.

Nesta resposta, percebe-se que o informante separou os dois mundos, os dois grupos, “os que têm dignidade e os que são parecidos lixo”. O informante considera que quem tem dignidade são aquelas pessoas que possuem condições financeiras suficiente para morar em uma boa casa e usufruir de todos os direitos da cidadania (são as pessoas que vivem em cima da ponte), e os que são “lixos”, são os menos favorecidos, que não têm condições financeiras para possuir a própria moradia, para comprar pelo menos o alimento, vivem sujas, vestidas em “molambos”, enfim, vivendo na mais completa miséria. São considerados “ninguém”, sem apoio, sem valor, sem vez e voz, sem condições para reivindicar seus direitos, até porque os desconhece (são as pessoas que vivem embaixo da ponte). Na opinião desse informante, e de acordo com uma escala social, os dominantes estão sobre os dominados. Ex. 1B, informantes 1 B

“Porque embaixo não é lugar de moradia é triste quem tem que morar ali debaixo.”
“Porque a parte de cima é de quem tem mais importância.”

Podemos afirmar que tais respostas mostram que esses informantes têm a consciência de que as pessoas que vivem embaixo da ponte são consideradas menos importantes para a sociedade do

que aquelas que passam por cima. A tristeza de morar em um lugar tão desagradável é percebida por eles.

Ainda nesta pausa do teste, foi solicitado que os informantes das escolas A e B fizessem uma definição sobre a ponte e uma descrição sobre as pessoas que nela habitam. Os informantes da escola A definiram uma ponte como “uma estrutura de metal e concreto, provavelmente muito movimentada”; “objeto extenso que liga um lugar a outro”. Para eles, as pessoas que moram debaixo da ponte são “pessoas pobres que não têm como se sustentar”; “carentes onde não têm onde morar”; “sujas, com várias doenças”; “discriminadas por não terem chances iguais às outras”.

Os informantes da escola B definiram uma ponte como “um ambiente inadequado devido a sujeira, o mau cheiro e várias outras coisas”; “é um lugar com esgoto, insetos e escuro”. Para eles, as pessoas que moram debaixo da ponte são: “mal vestidas e muitas vezes humilhadas pelo seu modo de vida”; “pobres que não têm um lugar melhor para morar, são verdadeiras vítimas que não podem se defender das injustiças do mundo”; “com certeza são pessoas infelizes que vivem em miséria”.

Observamos que os informantes da escola B descreveram a ponte com muita subjetividade, resgatando lembranças daquilo que lhes é familiar, conhecido; quanto às pessoas que moram debaixo da ponte, reconheceram que elas sofrem com a humilhação de que são vítimas num mundo desigual e injusto, onde uma parte da população não desfruta dos mesmos direitos e privilégios restritos a uma minoria dominante, restando para a maioria marginalizada o desprezo. Para eles é “dever das autoridades tratar as pessoas como verdadeiros seres humanos”. Esses informantes demonstraram viver em ambientes carentes onde necessitam de apoio e se sentem injustiçados por uma sociedade que dá valor a poucos e marginaliza muitos.

Há uma diferença significativa nos discursos dos informantes pesquisados nas duas escolas, provenientes de classes sociais distintas. Na descrição sobre a ponte e seus moradores, os informantes da escola A se referiram a esses moradores com insignificância e usaram um discurso discriminador. Disseram que são pessoas pobres, sujas e cheias de doenças. Já os informantes da escola B demonstraram revolta com a situação que é retratada no texto, revelaram indignação, reconhecendo que essas pessoas são injustiçadas, vítimas de um mundo desigual, onde os direitos são diferentes e variam de acordo com o grupo social do indivíduo.

Kleiman (2000) afirma que o conhecimento prévio é imprescindível para a compreensão, pois é a partir desse conhecimento que o leitor é capaz de fazer inferências que relacionam o texto com as informações implícitas formando, assim, um sentido coerente. Dessa forma, o contexto

social exerce função relevante nas produções de inferências do leitor, pois influencia de maneira significativa na consolidação do sentido.

Conclusões

Após o estudo comparativo entre os alunos investigados, constatou-se que o contexto sociocultural do leitor influencia de maneira significativa na produção de inferências textuais.

Na pesquisa realizada os alunos da escola A oriundos de uma classe social mais alta, inferiram de acordo com seu modo de vida, sendo condicionados pela condição financeira, isto é, pela realidade que os cerca. Os alunos da escola B, que representam uma classe social mais baixa, apresentaram em seu discurso uma identificação com a realidade vivida pelos moradores da ponte apresentados no texto. Com isto deixaram transparecer nas respostas um pouco de indignação e revolta com as injustiças e as desigualdades sociais.

Todos os alunos produziram inferências de acordo com a classe social pertencente. Além disso julgaram e avaliaram questões com base no texto lido. Foi constatado que os alunos da escola A não se sensibilizaram com a realidade do texto, já os da escola B se identificaram com o texto demonstrando preocupação com a situação social retratada por Drummond. Percebemos que os alunos das duas escolas possuem uma cultura própria e são influenciados pelo meio social em que vivem ou por pessoas com as quais se relacionam. Ficou evidente que o contexto sociocultural de cada indivíduo influencia de maneira significativa na produção de inferências.

Com esta pesquisa temos como preocupação contribuir para uma prática efetiva do uso da leitura em sala de aula como uma atividade imprescindível para desenvolver no aluno a reflexão, a criticidade e a compreensão. Propomos que a leitura pode ser trabalhada em sala de aula, tomando como base o teste da pausa protocolada, visto que conduz o aluno a refletir de maneira profunda, resgatando conhecimentos e experiências adquiridos no contexto sociocultural em que está inserido. O uso deste teste na aula de leitura poderá levar o aluno a refletir mais profundamente sobre o texto lido, aproveitando seu conhecimento prévio e construindo inferências, colocando suas opiniões de acordo com seus conhecimentos, atribuindo significado ao texto com base no contexto sociocultural.

Referências Bibliográficas

DELL'ISOLA, R. L. P. *leitura: inferências e contexto sociocultural*. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001. (Série Educador em Formação).

FULGÊNCIO, L. e LIBERATO, Y. Um modelo de descrição da leitura. In: ____ *Como facilitar a leitura*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 1996.

GERALDI, J. W. (org.) *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática, 1999.

KLEIMAN, A. *Oficina de leitura – teoria e prática*. 5 ed. Campinas, SP: Pontes: EDUNICAMP, 1997.

_____. *Texto e leitor*. 7. ed., Campinas, SP: Pontes. 2000.

LEAL, T. F. Prática social da leitura na escola e na sociedade. In: *Leitura teoria e prática*. Ano 18, dezembro, 1999, n 34.

MARTINS, M. H. *O que é leitura*. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Coleção Primeiros Passos; 74).

SOARES, M. B. Comunicação e expressão: o ensino da leitura. In: ABREU, M. (org.) *Leituras no Brasil*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995. (Antologia comemorativa